

# **Educadoras de Infância: A fragilidade de uma maioria**

**Manuela Raminhos**

**Centro de Estudos de Antropologia Social**

**ISCTE**

A profissão de Educadores de infância é em Portugal exercida quase em exclusividade por mulheres. Elas estão em maioria e são poucos os homens que ultrapassam a barreira simbólica do género. A sua ausência da profissão permite que sejam as mulheres, as educadoras de infância a transmitir aos seus educandos o modelo feminino: o cuidar, o tratar e o ensinar.

A partir de um trabalho de observação empírica feito numa creche, jardim-de-infância e ATL, em entrevistas semi-estruturadas realizadas a educadoras e alunos da licenciatura de educação de infância e também um inquérito realizado entre profissionais e futuros candidatos à profissão, esta comunicação dará conta de uma forma de reprodução de poder assente na diferenciação de género. O êxito da sua longevidade está no seu meio de reprodução – os pequenos domínios de relações sociais - e nos veículos por ele utilizados - as mulheres e as crianças.

**Palavras-chave: educadores de infância, género, poder, reprodução.**

## **1. Apresentação**

Os estudos desenvolvidos em Portugal demonstram uma grande consensualidade no que diz respeito aos estereótipos do género. O estereótipo masculino está associado aos domínios profissionais mais dinâmicos e independentes, enquanto que, por exemplo, o estereótipo feminino está associado à expressividade e à submissão (cf. Amâncio, 1994). Em Portugal, a marcada diferenciação entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” tem criado condições para que continuem a existir trabalhos maioritariamente desempenhados pelas mulheres, apesar destas já terem uma participação importante no mercado de trabalho. A sua chegada tardia ao mundo do trabalho remunerado contribuiu para as segregar em profissões onde a sua presença é fundamentada nos seus atributos «naturais», isto é, de acordo com o seu género.

Em Portugal são poucas as profissões do domínio profissional que tradicionalmente está ligado ao mundo do trabalho feminino que empregam homens e são poucos os jovens do sexo masculino que escolhem licenciaturas em áreas comprometidas com o estereótipo feminino. Nota-se, no entanto, que as jovens já escolhem com frequência cursos e profissões ligados com o estereótipo da masculinidade (cf. Cardana, 2005). Como resultado, em Portugal, a presença das mulheres no domínio profissional masculino tem aumentado, mas em contrapartida, os empregos do domínio feminino pouco têm mudado a sua composição sexual.

A concentração por sexos quer a nível do ensino (licenciaturas e cursos profissionais) quer na actividade profissional é suportada por um discurso que alimenta a ideia que existem profissões masculinas e femininas. Através de um forte dispositivo ideológico continuamos a assistir à naturalização do género que, a partir da diferença sexual, promove a desigualdade social, colocando as mulheres em profissões menos prestigiantes socialmente e dificultando-lhes o acesso a funções de chefia tradicionalmente desempenhadas por homens. Como pano de fundo fica a ideia que existem profissões para as quais as mulheres possuem habilitações naturais dado crer-se «que os sexo tem consequências inevitáveis quando à forma de pensamento, sentimentos e comportamentos» (cf. Williams, 1995).

A profissão de Educadores de infância é em Portugal exercida quase em exclusividade por mulheres. Elas estão em maioria e são poucos os homens que ultrapassam a barreira simbólica do género. A sua ausência da profissão permite que sejam as mulheres, as educadoras de infância - a transmitir aos seus educandos o modelo feminino: o cuidar, o tratar e o ensinar.

O Recenseamento Geral da População de 2001 regista um total de 20.354 educadores de infância em Portugal, dos quais 161 do sexo masculino (INE: 2001). Os homens tinham neste universo profissional um peso inferior a 1%. As várias escolas superiores de educação públicas entre 2002, 2003 e 2004 foram frequentadas por cerca de 2 mil alunos nos cursos de educação de infância onde se estima que apenas 3% dos alunos sejam do sexo masculino<sup>1</sup>.

Mas porque é que a divisão do trabalho por género persiste? A primeira explicação centra-se nos estereótipos que passam através da ideologia do género e que

---

<sup>1</sup> DGES, Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior, 2002,2003 3 2004, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, Lisboa, 2005.

permitem aos indivíduos a partilha de um conjunto de ideias que naturalizam, por sexo, um conjunto de comportamentos e atributos. São estes estereótipos que levam a que a profissão de educador de infância seja própria de mulher. São os estereótipos que fazem com que o trabalho, “seja etiquetado como feminino e masculino”.<sup>2</sup> Uma segunda explicação para a para a divisão do trabalho é o facto desta divisão conceder privilégios ao grupo dominante proporcionando-lhe uma posição de controlo. Este controlo é exercido pelo sexo privilegiado - o masculino - que ainda consegue preservar a sua vantagem localizando-os em esferas diferentes das da mulher, como por exemplo, nos lugares de chefia e de decisão. Uma terceira explicação surge, as mulheres não têm sido consistentes na consolidação dos seus privilégios profissionais, uma vez que têm demonstrado falta de estratégias de afastamento dos homens nas funções de liderança quando estes entram no seu domínio profissional, deixando-os construir a sua masculinidade e evidenciando a sua supremacia e poder.<sup>3</sup>

## **2. A imagem de si**

Dizem as feministas, “género é poder”, mas como é que o género se torna poder? e qual é a sua natureza?

A partir de um trabalho de observação empírica feito numa creche, jardim-de-infância e ATL, em entrevistas semi-estruturadas realizadas a educadoras e alunos da licenciatura de educação de infância e também um inquérito realizado entre profissionais e futuros candidatos à profissão, esta comunicação tem como objectivo identificar a natureza do poder atribuído ao género.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Padavic, Irene, e Barbara Reskin (2002), *Women and Men at Work*, 2ª edição, col. *Sociology for a new Century*, Thousand Oaks, Londres e Nova Deli, Pine Forge Press (an imprint of Sage Publications, Inc.), pag. 42-43.

<sup>3</sup> ID.

<sup>4</sup> Os registos etnográficos que suportam este texto são: uma amostra baseada em 166 questionários, com uma distribuição razoavelmente equitativa, entre os alunos das Escolas Superiores de Educação de Lisboa e do Porto, da Licenciatura de educação de infância e a Educadores de Infância e exercerem a sua actividade em creches e jardins-de-infância de Lisboa e do Porto. A amostra revelou uma distribuição por género fortemente feminizada, como esperado. No grupo de educadores de infância não foi inquirido um único homem e no grupo de alunos de educação infantil apenas um.

Um dos maiores contributos de Foucault foi fazer a ligação entre o discurso dominante da verdade (ou a verdade de um grupo reflectida no discurso dominante) e a emergência do poder. É uma verdade que liga os indivíduos e que fortalece as estruturas de poder e dominação (cf. Foucault, 1979). Contudo a verdade não existe por si só o que permite que o poder não se reduza somente às formas de dominação e não seja essencialmente repressão. Porque? Porque o poder é produtivo: produz indivíduos, formas de subjectividade, diferentes tipos de identidades, modos de comportamento, actos, desejos e crenças. O poder identifica o indivíduo, prende-o à sua identidade que ele ou ela deve reconhecer e acreditar como reflexo do seu verdadeiro “eu”. (Foucault, 1982:212).

Um dos impedimentos à mudança social é a assunção da naturalidade das coisas. Esta naturalidade está contida nos discursos científicos da biologia e da psicologia, controlando a massa crítica, tornando o discurso ideológico coerente e permitindo também a continuidade do discurso do senso comum. Como o comportamento, também o género é assumido como um fenómeno causal, efeito do património biológico do indivíduo. O Género está de acordo com o seu sistema nervoso. O género manifesta-se segundo a sua natureza biológica. Nestes discursos o género tem qualquer coisa de fixo e permanente. E é aqui que reside também um dos poderes do género; no seu carácter fixo. Apesar de ser uma identidade plástica, apesar de todo os projectos de transgressão e de rotura, apesar de sabermos que é uma construção social, o género justifica-se de acordo com um quadro biológico que suporta a ideia que divisão do trabalho, segundo o género, é normal e natural. Esta é a verdade. E se esta verdade fizer parte de cada “verdadeiro eu” acredita-se nela. Acredita-se que é assim. O poder perde o seu carácter dominante e deixa de ser repressivo. Como a fé aceita-se e não se discute, porque se acredita nele.

Isto significa que a feminização das profissões, não está ao nível da sua composição sexual, mas na presença de um modelo de género institucionalizado. É este modelo que é reproduzido e assimilado pelas mulheres e pelos homens que ingressam em profissões que de acordo com o seu género.

No caso das educadoras de infância estas assumem que a profissão é feminina e que está de acordo com o seu património biológico. Dizem:

---

Somos só mulheres ... penso que os homens não têm paciência ... exercemos a nossa profissão com mais naturalidade é por isso que é uma profissão feminina. (mulher, educadora de infância, 55 anos)

os homens aparecem no ensino já quando «as nossas crianças estão prontas» para a mudança. Mais crescidas, mais fortes. Elas são como as flores, são as flores do nosso jardim que nos primeiros tempos de vida precisam da nossa ajuda. Não aprendo isto na licenciatura, mas é assim que eu penso. (aluna da licenciatura de Educação de Infância, 21 anos)

Nós sabemos que é uma profissão feminina, porque está ligada ao cuidar, ao carinho, à paciência. A mulher biologicamente está preparada para isso. (mulher, educadora, 55 anos)

As educadoras de infância deixaram transparecer que no decurso da sua actividade profissional o seu universo é feminino. Ou seja o seu género não acrescenta nada à profissão. Em interacção com as crianças partilham com estas experiências ligadas ao universo da casa. Ao mesmo tempo perante as crianças a educadora é a autoridade, mas é simultaneamente a imagem da passividade, da bondade, da tolerância, da dedicação, da paciência, tão ligadas ao universo materno.

A naturalização do género é tão forte nas educadoras que apesar de no inquérito terem respondido que em crianças as profissões que gostariam de ter em adultas se situavam no universo das profissões femininas, como professoras, enfermeiras, negam que tenham sido condicionadas pela família e pelos amigos na escolha da sua profissão, negando o papel que estes tiveram na sua aprendizagem do género, consolidando a ideia de que esta ocorre com normalidade, dentro dos parâmetros da verdade estabelecida. No entanto através dos seus discursos, essa realidade é bem diferente.

Lembro-me de brincar com os meus irmãos. A tudo. Às casinhas, aos escritórios, aos médicos, aos veterinários, aos astronautas. Não tenho assim presente que fossemos muito rigorosos na divisão de tarefas. A minha mãe não se ralava nada se o meu irmão brincasse com as bonecas e eu com os brinquedos dele. Até lhe dizia «assim é que é, a tratar dos filhos, a ajudar a mãe dos meninos, só te fica bem!». No entanto dava-me bonecas a mim e carrinhos ao meu irmão. É verdade! Se calhar sem querer estava-me a ensinar-nos que cuidar de meninos era coisa de mulher! Mas a minha avó sim ...que espectáculo. Essa era implacável. Dizia a minha avó quando via o meu irmão a brincar com as minhas bonecas: Vê lá que

desgostos que ainda queres dar ao teu pai, olha que as bonecas são para as meninas! (Aluna da ESE, Lisboa).

### 3. Uma forte identidade

Como já dissemos, as escolhas profissionais são incentivadas ou condicionadas através da aprendizagem dos papéis do género no seio das solidariedades primárias.

A criança, no seu processo de aprendizagem, acaba por ser influenciada pelo modelo que lhe está mais próximo, o feminino e em muitos casos a figura da mãe ou da educadora, em contrapartida, o modelo da paternidade (masculino) fica mais ausente, perdendo, aparentemente, influência. A forte presença da mulher face ao afastamento da figura do pai nos primeiros anos de vida é pertinente para tentarmos compreender a necessidade que os rapazes têm em manifestar a sua masculinidade, afastando-se das brincadeiras das meninas, negando dessa forma a sua ligação ao mundo feminino e, mais tarde, também o seu afastamento das profissões “apropriadas às mulheres”. Quando chegam à vida adulta os homens escolhem geralmente uma profissão do universo das profissões masculinas. O afastamento dos homens das profissões femininas ou a necessidade que estes têm de, quando aí chegam, afirmar a sua masculinidade, pode ser explicada através da teoria do sexo.<sup>5</sup>

Através da construção de uma identidade masculina pela negativa: “tu não fazes isso porque quem o faz são as mulheres!”, os rapazes são pressionados para abandonar esta identificação com a mãe e assumirem a sua identidade de género masculino. Mais tarde, já na vida adulta, a preocupação na construção da masculinidade profissional, que resulta desta intensidade do significado atribuído ao género, exige uma assimetria dos papéis: A mulher pode fazer qualquer trabalho que não deixa por isso de ser feminina, enquanto que os homens, quando entram no campo profissional tradicionalmente conotado com o género feminino, põem mais em causa a sua masculinidade.<sup>6</sup>

Como me disse uma educadora, «a sociedade vê a sua profissão como a profissionalização do trabalho doméstico» (Mulher, 40 anos, Porto). Se atendermos a

---

<sup>5</sup> PARSONS, Talcott, “The superego and the theory of social systems”, *Social Structure and Personality*, Nova Iorque, New York Free Press, 1970 (1952), pp.17-33.

<sup>6</sup> CHODOROW, Nancy, *The reproduction of mothering*, Berkley, The University of California Press, 1978, pp.174.

isso, compreendemos porque é que os homens não escolhem esta profissão. Colocariam em causa a sua masculinidade, o seu prestígio, o seu poder de grupo privilegiado.<sup>7</sup>

Através do trabalho de observação realizado junto de educadoras de infância, no seu local de trabalho – o infantário -, pudemos verificar que algumas das suas tarefas são semelhantes às que as mulheres realizam no espaço privado. A sua actividade profissional demonstra que a passagem da casa para o trabalho continua a permitir que esta profissão consolide os estereótipos femininos. As educadoras continuam a cuidar, a arrumar, a vigiar, a ensinar e a proteger as suas crianças.

A feminilidade da profissão também é observável através das relações sociais que estas profissionais estabelecem no seu dia-a-dia com os seus interlocutores mais directos, como por exemplo, com os seus educandos a quem dispensam toda a sua atenção ao longo das muitas horas que estão com eles; com os pais destes, preocupando-se com o seu bem-estar; com as enfermeiras que prestam serviço no infantário, a quem se dirigem para saberem como devem actuar face a problemas de saúde das crianças. E até o espírito de poupança doméstica se reflecte nestas profissionais que promovem «as festinhas onde vendemos coisinhas feitas por eles para juntar dinheiro para a viagem dos finalistas» (Mulher, 49 anos, Porto).

Por outro lado, os espaços em que interagem com as crianças estão carregados de simbolismo feminino. As salas estão decoradas, em alguns estabelecimentos, como se fossem uma casa familiar, onde surge a cozinha, a biblioteca, a sala, o quarto e até a garagem. Na sua sala, a educadora olha atentamente “pelos seus meninos”, ensinando-os a arrumar a casa, ou a cuidar da sua higiene.

Como no lar, também aqui as mulheres, numa atitude de conforto e de disponibilidade para com a sua tarefa, usam roupas largas - as batas - e, normalmente, calçam sapatos baixos. O formal que trazem da rua passa a informal dentro do infantário, o justo das roupas passa a folgado. Entre o social, - público -, e o profissional - privado -, a apresentação destas mulheres muda e o significado que daí emerge permite sinalizar a semelhança entre o trabalho de casa e o trabalho que desempenham profissionalmente nos infantários. É esta simbiose perfeita entre objectos, práticas e comportamentos domésticos e profissionais que alimenta a forte imagem feminina que estas profissionais têm de si mesmo.

---

<sup>7</sup> Entendemos que poder ou o exercício do poder por parte de pessoas ou de grupos sociais é a capacidade que estes têm em usar estratégias próprias que provocam obediência outras pessoas ou grupos.

No entanto por detrás desta imagem estereotipada está a ideologia do género que através da divisão do trabalho por sexo atribui à mulher tarefas diferentes das que atribui ao homem, permitindo desta forma a manutenção um sistema de estratificação profissional que atribui valor desigual ao trabalho segundo o género. As educadoras fazem um trabalho valorizado socialmente mas em contrapartida com pouco realce e estatuto social de prestígio.

Disse-me uma Educadora,

Sou educadora porque quis sê-lo e gosto da minha profissão. Mas hoje se a minha filha escolhesse esta profissão eu iria contra a ideia dela. Perguntar-lhe-ia, sabes porque é que não há homens nesta profissão? Porque nós somos socialmente vistas como “donas de casa” que trabalham fora de casa. Isso é uma injustiça e eu não quero que tu continues a alimentar essa injustiça. (Educadora, 40 anos, Porto)

A emoção pode ser também entendida como uma representação do feminismo da profissão, uma vez que está associada, pelas categorias do género, à mulher. Segundo Catherine Lutz (2003) a aplicação do conceito emoção, ou o seu emprego como adjectivação de uma mulher serve fins ideológicos. Quer dizer que a emoção faz parte de um sistema de relações de poder e tem um papel fundamental na manutenção desse mesmo poder. Emoção significa subjectividade, irracionalidade a tal ponto que pode gerar o caos, enquanto que o homem é caracterizado pela sua objectividade, racionalidade, organização. Na prática, a emoção opõe-se ao pensamento e muitas vezes é empregue para caracterizar a mulher negativamente reforçando a sua subordinação ao homem,<sup>8</sup>

Algumas educadoras de infância entrevistadas não escondem que para as mulheres é normal reagirem emocionalmente enquanto que se espera que os homens escondem as suas emoções.

As educadoras sofrem e riem, face à alegria ou tristeza das crianças», ao mesmo tempo que dizem, «mas não é só a mulher que consegue experimentar a angustia e reagir, com raiva ou com alegria, com paixão a determinadas situações. Envolvemo-nos e demonstramos, a diferença é que nós conseguimos

---

<sup>8</sup> LUTZ, Catherine, 2005 (2003), “Emotion: The universal and the local, Mary Gergen e Kenneth J. Gergen (Ed.), Social Construction, a reader, Londres, Sage., pp.40.

manifesta-la, enquanto que eles a escondem!» (Educadora, 54 anos, Lisboa).

No inquérito realizado embora de opinião bastante díspares os educadores revelam um leque alargado de características comportamentais na área da emoção e atribuídas à mulher pelas categorias do género feminino. A paciência e a compreensão, a criatividade e a flexibilidade, a sensibilidade, a vocação e o gosto, o carinho, afectividade, amor.

### Características de um bom educador

	Educador de infância	Aluno Lic. Educação Infância	Total
Paciência, compreensão	34,6%	44,9%	41,4%
Criatividade, flexibilidade	32,1%	39,3%	37,0%
Sensibilidade, empatia, humanismo	30,8%	33,7%	33,3%
Vocação, gosto	32,1%	30,3%	32,1%
Afectividade, amor, carinho	34,6%	25,8%	30,9%
Empenho, dedicação	24,4%	25,8%	25,9%
Responsabilidade, segurança	10,3%	32,6%	22,8%
Observação, atenção	16,7%	19,1%	18,5%
Competência técnica e científica	15,4%	20,2%	18,5%
Capacidades profissionais	15,4%	12,4%	14,2%
Respeito, educação	11,5%	13,5%	13,0%
Afabilidade, simpatia	10,3%	13,5%	12,3%

Para as mulheres educadoras de infância os afectos fazem parte da sua prática profissional, em muitos casos condição essencial para afastamento dos homens da profissão. Os afectos que manifestam também nas carícias que as crianças recebem dos educadores afasta, os possíveis candidatos homens desta profissão, assim como as denúncias de praticas pedófilas em estabelecimentos de ensino têm ultimamente afastado da licenciatura possíveis candidatos. Segundo uma professora da ESE do Porto, «os poucos rapazes que aqui chegam não conseguem aguentar a carga emocional negativa que lhes é transmitida pelos média. Acabam por desistir» (Mulher, 40 anos, Professora da ESE, Porto).

Por outro lado, os pais das crianças em idade de pré-escolar, também manifestam que a profissão de educador de infância é própria para mulheres, afastando deste universo os homens. Na verdade expressam a ideologia do género e os seus medos. As mulheres devem ficar junto das crianças. As crianças representam a pureza e a mulher conserva uma imagem menos perigosa, mais dócil e o seu as suas carícias são consideradas normais.

Pelas práticas profissionais que lhes vemos ter, pelo meio em que estão inseridas, pela a forma de comportamento que se espera delas, até pelo perigo que pode representar a presença de um homem nesta profissão, por tudo isto, a imagem de feminilidade contida nesta profissão é forte e constrói-se sozinha, sem a necessidade de um “diferente por perto”.

#### **4. Conclusão**

O processo de aprendizagem das categorias do género iniciado através do processo de interacção desenvolvido no seio das solidariedades primárias. Esta aprendizagem condicionará o indivíduo que, mais tarde, já na fase adulta, se sentirá mais atraído pelas profissões que estão de acordo com as características atribuídas ao seu género. De facto, foi o que constatámos junto das Educadoras de Infância.

Segundo a ideologia do género os indivíduos, segundo o sexo, têm características e apetências diferentes. Porém a sua natureza não passa de uma construção social. O seu poder advém-lhe da sua forma de reprodução. Os inquiridos, por exemplo, não reconhecem directamente a influência dos seus pais, amigos ou mesmo da escola no seu processo de sociabilização com as categorias do género, nem tão pouco se sentem que houve algum dia qualquer forma de influência que condicionasse a sua escolha. Isto quer dizer que até a sociabilização com os papéis atribuído ao género acontece dentro dos parâmetros naturais da ordem estabelecida.

No seu processo de sociabilização a criança começa por copiar as atitudes daqueles que lhes estão mais próximos ou daqueles que sobre ela exerçam mais influência e que se encontram no universo das solidariedades primárias. Aqui, neste universo, a criança vai à procura do seu “outro” para o copiar ou simplesmente para o

identificar com determinado tipo de trabalho. É também neste universo, que a criança vê, copia e aprende a reproduzir os papéis sociais esperados para o homem e para a mulher. Este processo de aprendizagem dos papéis do género é universal, “e todas as sociedades reconhecem os laços que cada criança tem com as pessoas envolvidas no planeamento e empreendimento do acto reprodutivo”.<sup>9</sup>

É na família que, muitas vezes a brincar ao “faz de conta” sob os olhares da mãe ou da avó, a criança aprende as categorias do género. Mais tarde, no jardim-de-infância a criança começa por distinguir os papéis diferenciados do género. Provavelmente, no seu estabelecimento todas as educadoras são mulheres. Estas profissionais actuam como frentes de consolidação do género feminino.

Apesar dos educadores de infância deixarem transparecer que o seu trabalho com as crianças é feito com o objectivo de os influenciar no sentido do equilíbrio e equidade entre géneros, um número de factores e de práticas profissionais chama a nossa atenção, precisamente para a falta de práticas conducentes a esse equilíbrio e equidade.

O trabalho de observação empírica permitiu ver que as mulheres educadoras de infância desenvolvem um tipo de trabalho que as posiciona de acordo com o imaginário feminino. Nos seus espaços de trabalho, as salas que recebem as crianças, os objectos estão distribuídos como se de uma casa se tratasse. As crianças brincam e utilizam este espaço não tendo em conta o seu sexo; mas mais do que entanto a criança habitua-se a partilhar a sua vida com uma mulher que os ensina a divisão do trabalho por sexo. E aí está a perversidade desta profissão. Através da interacção que se estabelece entre a criança e a sua educadora, esta transmite-lhe a ideia que cuidar das crianças é trabalho para mulher, condicionando o leque das profissões disponíveis para os futuros homens e influenciando-os a escolher: «uma profissão que não envolva o cuidar dos filhos dos outros e ensiná-los brincando» (Educadora, 54 anos, Lisboa).

## Referências Bibliográficas

AMÂNCIO, Lígia, 1994, *Masculino e Feminino, A construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.

---

<sup>9</sup> ID, pp. 41.

CARDANA, Isabel, 2005, “Electrotecnia e Informática: Dinâmicas de Género em Ciência e Tecnologia”, *Revista de Antropología Experimental*, nº 5, (Texto 14), Universidad de Jaén (España), 2005, <http://www.ujaen.es/huesped/rae>.

CHODOROW, Nancy, *The reproduction of mothering*, Berkley, The University of California Press, 1978, pp. 174.

LUTZ, Catherine, 2000 (2003), “Emotion: The universal and the local, Mary Gergen e Kenneth J. Gergen (Ed.), *Social Construction, a reader*, Londres, Sage., pp.40.

MURRAY, Susan, 1996, “We all love Charles: men in Child Care and the Social construction of Gender”, *Gender and Society*, Vol 10, No. 4 pp.369.

FOUCAULT, Michel, 1979, *Discipline and punish: the birth of the prison*, Nova Iorque, Vintage.

FOUCAULT, Michel, 1982, *Subject and Power*, DREYFUS, Hubert, L. and RABINOW, Paul, (ed), *Michel Foucault beyond structuralism and hermeneutics*, Hemel Hempsted, Wheatsheaf.

Padavic, Irene, e Barbara Reskin, 2002, *Women and Men at Work*, 2ª edição, col. *Sociology for a new Century*, Thousand Oaks, Londres e Nova Deli, Pine Forge Press.

Padavic, Irene, e Barbara Reskin (2002), *Women and Men at Work*, 2ª edição, col. *Sociology for a new Century*, Thousand Oaks, Londres e Nova Deli, Pine Forge Press (an imprint of Sage Publications, Inc.), pp. 42-43.

PALENCIA, Mercedes, 2000, “Espacios e Identidades: ingreso de profesores a preescolar”. *Revista de estudios de género, La Ventana*, Universidade de Guadalajara, Guadalajara.

PARSONS, Talcott, “The superego and the theory of social systems”, *Social Structure and Personality*, Nova Iorque, New York Free Press, 1970 (1952), pp.17-33.

PINA-CABRAL, João de, e Nelson Lourenço, *Em Terra de tufões: dinâmicas da etnicidade macaense*, ICM, 1993, pp. 42.

PINTO, Graça Alves, 1999, “A Casa é para as raparigas, os rapazes são para trabalhar fora: a diferenciação sexual do trabalho das crianças camponesas e a construção da identidade dos rapazes e raparigas”, *Educação, Sociedade e Culturas*, San Diego, Academic Press, pp. 99-121.

PHILIP, N. Cohen, “The gender division of labour: Keeping house and occupational Segregation in the United States”, *Gender & Society*, Vol. 8, Nº 2, 2004.

SEGATO, Rita Laura, 1998. *Os percursos do género na antropologia e para além dela*, Série Antropologia 236, Brasília.

STOLLER, Robert, *Presentations of Gender*, New Haven, Yale press University, 1985, pp. 18.

WEINREICH, Peter, “Variations in Ethnic Identity: Structure Analysis”, Karmela Liebin (Eds), *New Identities in Europe*, Vermont, Gower/European Science Foundation, 1989, pp. 52.

WILLIAMS, Christine, 1995, *Still a man’s World: men who do “women’s work”*, Berkeley, CA, University of California Press.

WILLIAMS, Christine L. (Ed.), 1993, *Doing «Woman's work»: men in non-traditional occupations*, Sage. Nova Iorque.